Homenagem á memoria do Cons. João Nepomuceno Torres (*)

Discurso pronunciado pelo Cons. Filinto Bastos, orador na sessão funebre do *Instituto Geographico e Historico da Bahia.*

«Exmo. sr. cons. presidente do *Instituto*—Exmas. sras. —Illustrados consocios— Meus senhores.—Penoso e difficil é o desempenho da incumbencia que me confiou o *Instituto Geographico e Historico da Bahia* nesta funebre homenagem á memoria do seu secretario benemerito; penoso, doloroso mesmo, por consistir no elogio de um morto, cuja vida foi, por assim dizer, a propria vida desta sociedade que, attonita, estremeceu ante o golpe fatal que o fulminou; difficil, porque, se «sempre pouco diz quem muito sente», neste momento, quando devia corresponder á grandeza da magua que a todos punge, noto que me embarga a palavra o sentimento profundo, a saudade lancinante, que produz o rompimento de uma intimidade de longos annos, em que vivemos irmanados pelos affazeres de uma mesma profissão e pelos affectos desinteressados que, como flores abençoadas, vicejam no jardim sacrosanto da familia.

(*) O Cons.º João N. Torres era membro tambem do Instituto do Ceará. Passando ás paginas da *Revista* a bella allocução do Snr. Cons.º Filinto Bastos, rendemos justo preito á memoria do consocio tão cedo roubado pela morte á nossa estima e admiração.

O cons. João Nepomuceno Torres bem comprehendeu a verdade do asserto de Wincenty Lutoslawski: «A vida hodierna exige do individuo que trabalhe para a realização do bem social e este bem se consegue não quando o individuo insiste exclusivamente no que é de seu direito ou de seu dever, mas quando se applica a desempenhar um papel consciente nos organismos da vida social; e é nisto que consiste o merito social». Ora, é justamente e esse merito, geralmente reconhecido e proclamado, que o *Instituto* vem hoje render este solemne preito. E é de justiça que assim o faça, porque ninguem mais que o cons. Torres serviu abnegado a este *Instituto* desde sua fundação.

Póde-se affirmar, sem receio de razoavel contradicta, que o nosso pranteado consocio dedicou ao *Instituto* as horas que lhe deixava livres a sua afanosa vida de magistrado; e essa dedicação sem tregoas, sem esmorecimentos, estava tanto em seus habitos, que era como uma necessidade, cuja satisfação lhe dava alegria e bem estar.

Era-lhe aprazivel revolver nos poeirentos archivos memorias muitas vezes raras, papeis antigos rendilhados pelas traças, collecções de jornaes velhos, monographias para muitos sem importancia, verdadeiros amontoados de arruinados manuscriptos, lembrando-se talvez de um dos maviosos lied do inspirado Uhland sobre as ruinas: Sem duvida, viajante, convem-te dormir nas ruinas do castello, pois pode succeder que em sonhos tu as reedifiques magnificamente.

Devem-se em grande parte a suas solicitações, a seus esforços pessoaes, a sua ininterrupta correspondencia com todos quantos, no Brazil ou no extrangeiro, podiam ser uteis ao Instituto, valiosas offertas de livros, mappas, relatorios, revistas, memorias, objectos antigos, moedas, que figuram nas estantes, armarios e mostruarios desta sociedade, e assim como de retratos, que exornam as salas deste edificio.

Nenhuma festa de maior realce, nenhuma commemoração, em que tomasse parte a nossa sociedade, se celebrou, sem a sua cooperação intelligente e bem ori-

entada ; e sua actividade, sem canceiras, sem enfados, era sempre acompanhada de sereno jubilo, pois o estimulava o desejo de que ao *Instituto* coubessem novos loiros, justificando a sua publica utilidade e benemerencia.

Entretanto, todas as suas energias, todos os seus esforços esvaíram-se deante do sepulcro, que recebeu os seus despojos terrenos, sobre os quaes se desdobrou o véo refulgente da eternidade. Da cupola anilada que cobre o espaço, envolvendo as metropoles do trabalho e da revolução, como as necropoles do socego e do silencio, desprendem-se raios que incidem sobre sua loisa, cingindo-a com o nimbo da benemerencia, que hoje aqui proclamamos, levados por uma imposição da justiça e pela necessidade de testemunhar a nossa gratidão. Collocando neste salão o seu retrato, a effigie artisticamente trabalhada do nosso inexcedivel companheiro, o *Instituto* solve um compromisso, a que não se podia eximir.

Nasceu o conselheiro Torres na freguezia da Sé, nesta capital, em 16 de Maio de 1855. No acreditado Collegio do dr. Sebrão fez o curso de preparatorios, revelando sempre um espirito vivo e atilado, matriculando-se, muito joven ainda, na Faculdade de Direito do Recife, onde, depois de um curso distincto, recebeu o gráo de bacharel em sciencias juridicas e sociaes em 1876, tendo apenas vinte e um annos de edade.

Dedicando-se logo depois de formado á advocacia, foi nomeado após o anno de pratica, juiz municipal e de orfãos do termo de Brejo-Grande, hoje Ituassú, neste Estado, conseguindo, quando terminou o seu quadriennio, a reconducção no mesmo cargo.

Quando juiz em Brejo Grande, contrahiu casamento, na cidade da Feira de Sant'Anna, com a exma. sra. d. Adelia de Caldas Britto, virtuosissima senhora, que teve o dom de espargir sobre o seu lar os preciosos perfumes da bondade e de dedicação inexcediveis, até que o anhelito da morte a arrebatou á familia idolatrada.

Nomeado juiz de direiro da comarca de Campo

Largo, em 1887, foi removido em 1890, para a de Villa Nova da Rainha, que, depois de proclamada a Republica tomou a denominação de Comarca do Bomfim, sendo, em 1892, nomeado juiz do Tribunal de 1.ª Instancia desta capital, tendo exercicio em 15 de Agosto daquelle anno.

Em 10 de Novembro de 1896, em concurso para o preenchimento da vaga que se abrira do Tribunal de Appellação e Revista, apresentou substancioso e criterioso trabalho sobre—*Recursos em geral, suas especies e effeitos*—o qual é constantemente manuseado com proveito por aquelles que procuram informações seguras sobre esta parte intrincada de nossa complicada processualisica.

Em 14 de Junho de 1897, conseguiu ser nomeado conselheiro do Tribunal de Appellação e Revista, entrando, no dia 17 desse mez, em exercicio.

Incumbido o cons. Torres juntamente com o cons Eustaquio Primo de Seixas, de saudosa memoria, e o cons Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, da consolidação de disposições sobre o processo civil, criminal e commercial, mandada elaborar pelo decreto de 8 de Junho de 1899, deu a commissão prompto o seu valioso trabalho em quatro grossos volumes, em menos de um anno, tendo cabido ao nosso fallecido consocio a tarefa ardua e complicada de consolidar as leis do processo civil e commercial, constituindo a 3.ª e 4.ª parte da *Consolidação* que dos entendidos tem recebido merecidos elogios e que sobremodo destaca a competencia e o esforço da commissão que a elaborou.

Reaes e notaveis serviços foram prestados pelo cons Torres ao *Instituto*.

Ao seu espirito esclarecido e á sua pertinacia deve-se a publicação da *Homenagem do Instituto Geographico e Historico da Bahia ao grande poeta brazileiro Antonio de Castro Alves*, a qual infelizmente não passou do primeiro volume e que, na phrase do nosso consocio, a outro fim não visava «senão salvar do esquecimento a memoria do maior poeta da Bahia e pagar-lhe uma divida de honra».

O laureado escriptor Xavier Marques, o glorioso au

ctor de «Janna e Joel», e do «O sargento Pedro», póde testemunhar quanto interesse tomou o cons. Torres por essa «Homenagem», conseguindo aquella notavel biographia que occupa mais de cento e cincoenta paginas do volume alludido.

O mesmo testemunho poderá dar o distinctissimo litterato pernambucano, dr. Alfredo de Carvalho, collaborando para a «Homenagem» como para outras publicações deste *Instituto*.

Quando em Julho de 1897 o *Instituto* teve de commemorar o segundo centenario da morte do grande jesuita Antonio Vieira, orador prodigioso, missionario apostolico, inexcedivel mestre do idioma portuguez, realizando uma festa memoravel, que tanto honrou a Bahia, o dr. José Francisco da Silva Lima, presidente da commissão executiva, não encontrou companheiro a auxilial-o mais efficazmente como aos diversos membros da commissão referida que o incançavel 1.º secretario do *Instituto*. E é principalmente ao seu espirito ordeiro e investigador que se deve a publicação da «*Homenagem do Instituto Geographico e Historico da Bahia ao grande e famoso orador, padre Antonio Vieira no bi-centenario de sua morte*».

Apaixonado pela imprensa, por suas luctas, por seus triumphos, não passou despercebida ao cons Torres aquella phase da vida colonial, assignalada pela Carta Regia de 5 de Fevereiro de 1811 dirigida ao Conde dos Arcos, governador e capitão general da Capitania da Bahia, pelo principe regente, em deferimento ao que havia requerido o negociante desta praça, Manoel Antonio da Silva Serva, para o estabelecimento de uma typographia.

Um seculo depois que havia surgido o primeiro jornal bahiano—*A Idade d'Oiro – o Instituto* fez uma modesta commemoração, celebrando uma sessão solenne em 14 de Maio de 1911, e publicou os—*Annaes da Imprensa da Bahia—1.º centenario—1811 a 1911—Catalogo organizado pelos socios do Instituto Historico—Cons. João Nepomuceno Torres e dr. Alfredo de Carvalho.*

Ahi se evidenciam ainda o seu amor pelas datas glo-

riosas da Patria, e o seu ardente desejo de que o *Instituto* celebrasse a festa da Imprensa, socia brilhante dos torneios do progresso.

A cooperação valiosissima, que o distinctissimo literato e patriota, dr. Alfredo de Carvalho, prestou á publicação dos «Annaes», foi exclusivamente devida ao empenho do conselheiro Torres, que não podia consentir no olvido e na indifferença da Bahia pelo primeiro seculo decorrido após o estabelecimento da imprensa que, na sua phrase «é desde o seu apparecimento, em toda a parte, a lampada eternamente accesa do pensaménto humano».

Quando outros documentos não houvesse attestando o muito que deve o *Instituto* ao nosso fallecido consocio, ahi estariam a testemunhal-o de modo inequivoco e incontestavel os dezesete volumes da revista do mesmo *Instituto*.

Era elle quem se encarregava de collecionar os originaes e remettel-os á typographia; era elle quem, meticulosamente, fazia a revisão das provas, e, depois, se encarregava ainda de remetter os volumes, impressos, á seu destino. E se faltava materia para completar o numero das folhas que se deviam publicar, no seu vasto archivo havia sempre material appropriado para solver essas difficuldades.

O conselheiro Torres era, por seu espirito operoso, paciente e tenaz, feito para organizar bibliothecas e archivos. Todas as notas e apontamentos que podiam ter qualquer interesse para a nossa chronica ou historia, ou que se ligassem a questões geographicas, não escapavam á sua observação e guarda; e, chegando o momento de se precisar de qualquer documento, elle de prompto o fornecia, pois tinha de memoria até os armarios e gavetas em que costumava guardar «os seus papeis velhos».

E' assim que, em amistosa palestra intima, tive ensejo de repetir-lhe que o laureado academico, sr Coelho Netto, escrevera em seu *Compendio de Litteratura Brazileira* que Gregorio de Mattos «o primeiro poeta satyrico da America deambulava sordidamente pelas ladeiras da Bahia, de violão em punho, cantando como um capado-

cio as proprias trovas que a sua Musa perversa lhe ditava» e tudo isto *no fim de sua vida*, quando é certo que o grande poeta passou os ultimos annos de sua «amargurada vellifice» em Pernambuco, onde lhe deu «honrado agasalho» o governador Caetano de Mello e Castro, e onde, no derradeiro momento, recebeu os sacramentos das mãos do bispo d. Frei Francisco de Lima. No dia immediato ou poucos dias depois de nossa palestra, recebia do cons. Torres varios trabalhos e estudos referentes á vida e obras de Gregorio de Mattos, que, na phrase do dr. Sylvio Romero, devia ter o titulo de fundador de nossa litteratura, se a alguem no Brazil se pudesse conferir esse titulo.

Tudo quanto vos dissesse, meus senhores, para justificar a excepcional dedicação do nosso fallecido companheiro ao *Instituto*, cuidando das coisas mais insignificantes, da sua parte administrativa, de tudo quanto pudesse trazer-lhe utilidade, como evitar-lhe qualquer damno ou prejuizo, seria tudo inutil, servindo apenas para fatigar-vos, porque sei que bem informados estais de seus labores, dos seus esforços, da sua energia inquebrantavel, que não deixavam denunciar-se a enfermidade, que o combalia.

Já, de quando em quando, algumas crises morbidas o privavam da sua irreprehensivel pontualidade nos dias de sessão do Tribunal de Appellação e Revista; e se alguma coisa o magoava, se algum desconforto o abatia, não o demonstrava seu semblante. Em seus olhos, se ás vezes empannados por preoccupações mais intensas, reflectia-se de continuo viva esperança que, nas contrariedades da vida, era para elle como o oasis, na expressão de um novellista inglez, uma enorme esmeralda engastada no cobre do deserto.

Em uma noite de Dezembro proximo findo, cruciante accesso apavorou sua prole estremecida: mas, dois dias depois, comparecia elle á ultima sessão do anno, infelizmente a derradeira de sua não breve carreira de juiz, recebendo dos seus pares a demonstração de seu apreço e

estima, elegendo-o por unanimidade de votos vice-presidente do Tribunal.

Ainda naquelle dia, em sua face não se debuxava com clareza a traição que lhe armava a enfermidade; e o seu perenne bom-humor, a sua palestra convidativa nada parecia terem soffrido com os incommodos que o haviam atormentado.

Proclamadas as ferias forenses, seguiu com os filhos, que aqui ainda se achavam, para a estação do Parafuso, onde o aguardavam já alguns de seus filhos, na esperança de cobrar alento para as lidas fatigantes deste anno. Sabia talvez, mas guardava-o em fundo segredo, que seu organismo já pouco podia esperar de melhores ares e de uma vida menos agitada; talvez o soubesse; mas era preciso não descurar nunca do bem-estar da familia; terminava o anno, e era mister prover-se do necessario nesta cidade, para onde veio, e onde foi victima de hemorrhagia cerebral, a que succumbio, ás 2 horas da noite de 4 de Janeiro p. passado, sem embargo dos cuidados e esforços de seu filho, dr. Alcides Torres, e do dr. Julio da Gama, seu dedicado amigo e medico de sua familia.

Na tarde desse nesmo dia, o funebre cortejo acompanhou seus restos mortaes até o cemiterio da Quinta dos Lazaros, onde foram inhumados no carneiro n.º 6, da Ordem Terceira de S. Francisco.

Alli, na cidade dos mortos, o nosso benemerito presidente, cons. Antonio Carneiro da Rocha, em phrases sentidas, despediu-se do amado consocio, enaltecendo-lhe o merito e pondo em destaque seus serviços inolvidaveis ao «Instituto».

Dias depois, pelo *Diario de Noticias*, o exmo. sr. desembargador Thomaz Garcez Paranhos Montenegro reclamava para elle, como tributo de justiça, em nome do «Instituto», todas as homenagens que este lhe pudesse prestar. A nossa sociedade não se fez surda ao appello, pois era anhelo ardente, voto que não podia esquecer, perpetuar, como lhe permittissem as forças, sua gratidão ao seu querido ex-secretario.

Por isso é que nos achamos aqui reunidos, dominados

como de religiosa piedade, para assistir á collocação de seu retrato na galeria dos nossos socios benemeritos, tendo o *Instituto* mandado celebrar missa pelo seu repoiso eterno na egreja de S. Pedro dos Clerigos.

Bem pouco é ainda, mas é alguma coisa de nossa gratidão que ahi se mostra na téla.

Sua inexcedivel actividade, a dedicação sempre crescente ao *Instituto* já não poderá elle dispensar. Mas a contemplação de seu retrato, as lembranças que elle evocar, tudo que possa reflectir na effigie, será poderoso estimulo aos socios actuaes e aos que d'ora avante os quizerem auxiliar. O exemplo de sua vida foi grandioso; a morte não o fará desapparecer.

Encantadores reverberos doiram o horizonte, mesmo depois que o sol se esconde no occaso.

Seja seu nome um talisman; com elle o *Instituto* cobrará forças e vencerá!».